

programa de exposições 91
CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

0832395

SYSNO 0832395
PROD 002675

ACERVO EESC

carlos clémen

FORMAÇÃO

1955/1963 Desenho, Gravura, Pintura e Escultura, Escola Nacional de Belas Artes, ateliê de J. C. Castagnino, Sociedade Estímulo de Belas Artes, Buenos Aires, Argentina
Estética e Teoria da Arte com o professor Raúl Sciarreta

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

1965 SAAP, Buenos Aires, Argentina
1967 SAAP, Buenos Aires, Argentina
1970 Ática, Buenos Aires, Argentina
Centro de Artes Lya, Buenos Aires, Argentina
1976 Teatro Municipal, São Paulo
1978 Galeria Millan, São Paulo
1980 Pinacoteca do Estado, São Paulo
Museu de Arte Contemporânea, São Paulo
Panorama da Arte Atual Brasileira — Pintura, Museu de Arte Moderna, São Paulo
3º Salão Nacional de Artes Plásticas, Funarte, Rio de Janeiro
1981 Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo
4º Salão Nacional de Artes Plásticas, Funarte, Rio de Janeiro
Museu da Imagem e do Som, São Paulo
Coop. Diferença, Lisboa, Portugal
5º Salão Nacional de Artes Plásticas, Funarte, Rio de Janeiro
1983 Museu da Imagem e do Som, São Paulo
1984 Galeria Tenda, São Paulo
Pinacoteca do Estado, São Paulo
1986 Galeria Tenda, São Paulo

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

1964 Teatro El Chasqui, Chivilcoy, Argentina
1967 Ronald Lambert Art Gallery, Buenos Aires, Argentina
1968 El Galpón, provincia de Santa Fé, Argentina
Arte Nuevo, Buenos Aires, Argentina
El Galpón, Buenos Aires, Argentina
1969 Galeria FOCA, São Paulo
1974 ArteSanos, Assunção, Paraguai
1975 Galeria Dafam, São Paulo
1977 Galeria Aliança Francesa, São Paulo
1979 Café Paris, São Paulo
1980 Museu de Arte Contemporânea Latinoamericano, Whashington, EUA
1981 Galeria AKI, São Paulo
PenAzul, São Paulo
1983 Spazio Pirandello, São Paulo
1984 Galeria Tenda, São Paulo
1985 Galeria do Sol, São José dos Campos
1986 Galeria do Sol, São José dos Campos
Arte Galeria, Ribeirão Preto
1987 Traço Galeria de Arte, São Paulo
1988 Belas Artes, Botucatu

O que os trabalhos de Carlos Clémen mais iluminam: que toda invenção humana resulta do cruzamento de dois tempos diversos: o tempo da matéria — às vezes tão calmo que nos sugere sono —, e o tempo que o homem persistentemente lhe infunde. O que eles ainda esclarecem: que este não é o único antagonismo que comparece no âmbito da invenção. Há um outro anterior, interno ao homem, que cresce na mescla de seu sangue com sua carne e pensamento.

Daí suas obras — pinturas ou esculturas? — insistirem tanto na dubiedade. De um lado, elas contêm a geometria e seus passos: o projeto, o cálculo, o método, a épura, o risco, a exatidão; o tráfego por uma escada de palavras que indicam a asfixia das mãos pelo despotismo da mente. De outro, o impulso, a potência, o descontrole, a emoção, a confusão, o exagero; a ação exaltada que celebra sua condição de organismo e seu encontro com a matéria.

Daí por que cada uma delas forma um par indissociável com o artista. Suas amplas dimensões revelam-nas como corpos que têm como medida o próprio corpo do artista. Os ângulos que rompem o plano de suas superfícies atendem à natureza do material trabalhado e respondem aos desejos de regularidade. As manchas de cor disputam seus espaços com os vazios por onde a matéria lisa ou dilacerada faz entoar sua voz. São, enfim, obras que se fazem contra e a favor da matéria e do tempo.

Aginaldo Farias, dez. 91